

Giuseppe Marci

Letteratura sarda

In presenza di tutte le lingue del mondo



Com tradução em Língua Portuguesa
Con traduzione in lingua portoghese

CENTRO DI STUDI FILOLOGICI SARDI / CUEC

Giuseppe Marci

LITERATURA SARDA

Na presença de todas as línguas do mundo

CENTRO DE ESTUDOS FILOLÓGICOS SARDOS /CUEC

Coordenação editorial
CENTRO DE ESTUDOS FILOLÓGICOS SARDOS / CUEC

Giuseppe Marci
Literatura sarda
Na presença de todas as línguas do mundo

TRADUÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA: LÍVIA DE LIMA MESQUITA

CUEC EDITRICE © 2011
primeira edição: outubro de 2011
ISBN: 978 88 8467 684 9

O texto aqui reproduzido constitui a síntese do volume de Giuseppe Marci,
In presenza di tutte le lingue del mondo. Letteratura sarda
(Cagliari, Centro de Estudos Filológicos Sardos /Cuec, 2005)

CENTRO DI STUDI FILOLOGICI SARDI
Via Bottego, 7 - 09125 Cagliari
Tel. 070344042 - Fax 0703459844
www.filologiasarda.eu
info@centrostudifilologici.it

CUEC
via Is Mirrionis 1, 09123 Cagliari
Tel/fax 070271573 - 070291201
www.cuec.eu
info@cuec.eu



Este livro foi publicado com a contribuição da Região Autônoma da Sardenha – Secretaria da Instrução Pública, Bens Culturais, Informação, Entretenimento e Esportes

Impresión: Il Legatore, Cagliari

Imagem da capa
Sardigna foto de Giorgio Dettori

Elogio da sardidade

Se há um elemento que caracteriza a Sardenha, sua história e a produção de seus escritores, este consiste no fato de que os sardos foram frequentados por povos, culturas e línguas diversas e que elaboraram uma expressão linguística própria *na presença de todas as línguas do mundo*, no confronto com todas as gentes com as quais, por conta da navegação, do comércio e da guerra, tiveram motivo de encontro.

O problema do sardo e do seu emprego na literatura é complexo, tendo em vista que aquela antiga língua, aparentemente pouco presente na tradição escrita, é, no entanto, sustentada pela fecunda relação entre oralidade e escrita e pelo costume de confrontar-se com as línguas das culturas dominantes. Assim se explica o fenômeno representado pelos escritores que, no século XX, quiseram empregar, em prosa e poesia, as diversas variedades do sardo e formas linguísticas ainda mais miscigenadas na composição de suas obras.

No *Éloge de la créolité*, Jean Barnabé, Patrick Chamoiseau e Raphaël Confiant afirmam ter iniciado “*la minutieuse exploration de nous-mêmes*”: uma escavação arqueológica que não quer perder nada do que foi sepultado no decorrer atormentado da sua história. Do mesmo modo, no nosso caso, a *escavação* deve reconstruir a estratificação interior de *nous-mêmes*, da nossa cultura, dos pensamentos, da psicologia.

Devemos repensar um evento milenar, a Sardenha, recolocando no seu centro o sujeito etno-histórico que foi seu protagonista, mas que, nos processos da reconstrução histórica e histórico-literária, é quase esquecido. Na realidade, temos um número variável de Sardenhas (a fênico-púnica, a romana, a catalão-aragonesa, a sabauda): raramente é estudada e descrita a dimensão unitária conferida à história sarda pelo povo que viveu na Ilha por milênios, pelo modo como aquele povo concebe o lugar e a si mesmo, pelas suas visões de mundo.

Sobre a presença dos sardos num mesmo espaço geográfico, fortemente identificados por sua fisionomia insular, muito sabemos e muito também ignoramos. E o que ignoramos parece nos autorizar a subvalorizarmos também o que sabemos; enquanto, ao contrário, o que sabemos nos obriga a prestar grande atenção e considerar em certa medida aquilo que, no plano documental, está ausente – ainda mais quando nos movemos no âmbito da comunicação literária e, portanto, na esfera da percepção e representação da realidade, ou seja, no interior da convenção que liga o autor ao leitor.

Em primeiro lugar, devemos ter presente que os leitores e autores sardos compartilham uma concepção fundamentada, como explica o escritor Giuseppe Dessì, sobre uma ideia de tempo diferente daquele tempo *histórico europeu*: imóvel, “um eterno presente”, em que nada se perde e tudo se conserva atual.

Reencontramos na literatura a memória das eras geológicas nas quais se plasmou a pedra que ainda hoje reserva tanta importância no imaginário coletivo dos sardos, como recordação das navegações e do comércio, do primeiro grão semeado, do primeiro vinho espremido da uva, quando ainda transcorreriam muitos anos para chegar a civilização nurágica.

Como poderia ser diferente com milhares de monumentos, os *nuraghi*, vigilantes não de um possível inimigo por chegar, mas sobretudo do perigo de esquecer-se, de perder a memória de si mesmos? Basta ler os romances de Grazia Deledda para verificar os êxitos de tal vigilância, o *imprinting* que dela deriva e que se exprime também na valência semântica positiva que acompanha os adjetivos *antigo*, *primitivo*, *pré-histórico*, a definir a qualidade de um tempo longínquo, perdido, um espaço e uma condição arrancados do povo sardo e aos quais este povo deseja retornar.

Do mesmo modo, devemos prestar atenção às relações que os sardos teceram com a cultura latina, primeiro, e com a cultura italiana, depois.

Sob um determinado ponto de vista, podemos dizer que se tratou de um *privilegio* a possibilidade de observar internamente universos culturais de prestígio e senti-los como próprios.

Os sardos sempre mantiveram relações com a península italiana. Navegavam pelo Mediterrâneo milhares de anos antes de Cristo,

negociavam oxidiana com os ligúrios, desenvolviam uma relação que se manteve e que foi reforçada com o tráfico de mercadorias e o uso linguístico do período medieval. Gênova e Pisa foram a porta para aquela que seria mais tarde a Itália, em direção à língua, cultura e literatura italianas: uma escolha livre, confirmada ao longo de toda a Idade espanhola, que nos ajuda a compreender os processos de italianização desenvolvidos, séculos depois, na união com o Piemonte – não uma renúncia aos traços fundamentais da própria identidade, porém, muito mais, a aquisição de atos ulteriores a exprimir-lhe a essência.

A história cultural e literária

Os sardos vêm de uma longínqua história cujo início ninguém sabe precisar com exatidão. E talvez nem haja tanto sentido em perguntar-se em qual amanhecer do mundo o primeiro homem tenha posto o pé sobre a Ilha. Muito menos sentido há em perguntar quem era, de onde vinha e por que escolhera exatamente aquela terra, se por opção uma deliberada ou trazido pelas correntezas, ou ainda trazido por ventos que o empurravam contra a sua vontade.

Daquele pai desconhecido e das mães que o acompanhavam, nasceu uma stirpe que identificamos e definimos por um único dado certo: a escolha da Sardenha como lugar da própria residência. Todo o resto está menos claro e se confunde nos tortuosos percursos dos milênios, no contínuo renovar-se do sangue, das culturas e das línguas, inevitavelmente modificadas pelos infinitos aportes que não podiam não alcançar uma ilha situada no centro do Mediterrâneo, porto intermediário das navegações, lugar natural de encontros e escambos.

Uma das primeiras informações de que dispomos diz que, em um momento colocável, *grosso modo*, em torno do ano 7.000 a.C., alguém transportou oxidiana da Sardenha para a Ligúria. No Mesolítico, e depois no Neolítico, aquela massa vítrea era empregada para construir ferramentas, facas, pontas de seta ou de lança. Quem sabe quem a encontrou, quem a transportou e sobre quais embarcações: foram povos indígenas ou ligúrios? Terá sido violento o encontro e marcado pelo desejo do assalto, ou amigável e determinado pelas necessidades comerciais? Com qual código linguístico se entenderam?

Ao mesmo tempo, se desenvolviam o trabalho com a cerâmica e as técnicas de decoração; eram feitas estátuas, casas e sepulturas, eram erigidos círculos sacros. Manifestava-se um megalitismo que remete a manifestações análogas presentes em muitas zonas da

Europa ocidental, da Península Ibérica à Irlanda; eram elaboradas formas culturais estruturadas e reconhecíveis por caracteres precípuos, fruto de uma elaboração indígena, a documentar as relações com as culturas do Mediterrâneo oriental e Península Ibérica, além daquelas itálicas e da França meridional.

Este é um quadro muito vivo, que acentua o seu dinamismo se pensarmos como, com a decadência da oxidiana e o desenvolvimento do uso dos metais, a partir da idade da Pedra Polida (2900-2300), desencadeou-se aquilo que o arqueólogo Giovanni Lilliu definiu “a febre do metal”. Os “metalúrgicos”, ricos em competências técnicas, levados pelo gosto pela aventura e pelo desejo de ganhos, se moveram em direção às rotas que, a partir da Anatólia e das Ilhas egeias, levavam ao Oeste, em direção à Península Ibérica, à França, aos países atlânticos e bálticos, à Península Balcânica, a Malta e à Sicília, e à Sardenha.

Pouco sabemos sobre a língua falada na Idade pré-nurágica e, depois, na Idade nurágica: há somente *destroços* (presentes na toponomástica e no léxico) que remontam a Idades antiquíssimas e mostram caracteres pré-indoeuropeus.

Sobrepondo extratos diversos, a história continuou seu jogo e criou as condições com base nas quais se pudesse constituir aquilo que hoje aparece como um substrato linguístico pré-romano particularmente denso e no qual os elementos paleosardos se acompanham daqueles púnicos e a destroços ibéricos que assinalam concordâncias com o basco.

Considerando o elemento fonético, o linguista Max Leopold Wagner indicou, ainda, possíveis pontos de contato com a Gasconha, a Sicília e a Itália meridional, com os dialetos bérberes e com algumas condições fonéticas camito-semíticas.

Talvez isso seja tudo. A partir do século VII a.C., inicia-se a sequência historicamente documentada da chegada de povos diferentes: fenícios, cartagineses, romanos, vândalos, bizantinos, árabes, pisanos, genoveses, catalães, aragoneses, piemonteses. A cada vez, uma modalidade diferente, cada vez um idioma: palavras apreendidas e postas em relação com a antiga língua pré-indoeuropeia que, pouco a pouco, se transformava em substrato, mas vivo e fervilhante, capaz de exprimir-se nas raízes de algumas

palavras, em muitos topônimos, nos processos de transformação dos extratos linguísticos superiores.

Ignoramos mais do que sabemos, e aquilo que não sabemos, que podemos apenas intuir mas que não transparece em nenhum *destroço*, em nenhuma raiz e em nenhum topônimo reside no cansaço do viver, nas ânsias, nas esperas, na dor dos homens.

Não deve ter sido simples passar da língua nativa àquela de Roma, como foi necessário fazer quando, interrompidas as relações com Cartago, a Sardenha se encontrou transformada em província romana.

Também em relação a essa nova fase, as informações sobre a história cultural e linguística não são abundantes –Wagner definiu “mudos” os séculos durante os quais se desenvolveu o processo de *absorvência* das línguas nativas àquela de Roma e, então, de transformação do latim em sardo.

Séculos mudos. Escuro. Como no bagageiro de um navio que transporta homens de um continente ao outro, contra a vontade deles e desprezando todos os direitos.

Quem tem paciência de observar o decorrer do tempo poderá filosoficamente pensar que tudo tem um fim, inclusive a potência de Roma. Em seguida àquele evento, a Sardenha passa ao domínio bizantino. O linguista registra a novidade representada pelo fato de que o grego tornara-se língua oficial. Depois cai também o Império do Oriente e, com ele, o uso do grego.

Verifica-se, então, um fato absolutamente imprevisto, numa terra onde, havia muitos séculos, não se utilizava a língua nativa oficialmente e nem na gestão da coisa pública. Não há mais grego, e a cultura latina “ressecara”: correr-se-ia o risco de não se poder mais falar, não fosse um inesperado recurso, àquele sardo de antigo substrato pré-indoeuropeu-mediterrâneo, incrustado de *destroços* púnicos e berbéricos, ibéricos e sículos, ítalo-meridionais ou devirados de quem sabe qual outro antigo contato, sobre o qual, mais recentemente, destendeu-se o sentimento da latinidade.

A tal língua os sardos recorrem para seus documentos oficiais, escritos em um vulgar que nasce contemporaneamente ou, inclusive, antecipadamente em relação às outras línguas românicas. Uma situação que poderíamos definir afortunada, apreciável

sobretudo na comparação com os casos, até mais dolentes, dos povos que perderam a absoluta capacidade de construir para si uma língua reconhecida como própria, que deveram e devem sustentar a mensagem identitária por meio da língua da nação a partir da qual foram submetidos.

É certo que o sardo, até aquele ponto empregado apenas na dimensão da oralidade, para os usos correntes da existência e prevalentemente na dimensão rústica e pastoril, não podia estar imediatamente disponível para os mais refinados empregos da escrita e das atividades diplomático-chancelerescas.

Assim, talvez por uma astúcia ditada pelas exigências da sobrevivência, ou por uma atitude elaborada no longo período de submissão que se seguiu ao fim da civilização nurágica, os sardos plasmaram seus documentos seguindo os módulos apreendidos pelas nações às quais se sobrepueram e com as quais mantinham relações diplomáticas, culturais ou comerciais. Isso era lógico para um pequeno país que mandava seus filhos estudarem nas cidades do leste, na península italiana que já tinha centros universitários renomados, ou naquelas do oeste, na península ibérica, para a qual também a chamavam, além da razão dos estudos, ligações comerciais, diplomáticas e matrimoniais. E, por outro lado, o soberano de um pequeno Estado rústico não podia ignorar a existência da grande cultura que se elaborava nas costas setentrionais da Provença, onde atracavam os navios que traficavam com a França meridional, além de Gênova e Pisa.

Se houvesse proporção de forças, o *jogo* teria durado séculos, em um equilíbrio que as conveniências políticas, comerciais e das alianças matrimoniais teriam mantido inalterado. Mas havia lógicas gerais concernentes às autoridades da época, o império e o papado, e que não podiam não oprimir uma pequeníssima população sitiada em uma terra à qual se dirigiam potentes interesses.

Ninguém deve ter percebido nada, na Ilha, em 4 de abril de 1297, quando Bonifácio VIII designava o Reino de Sardenha e Córsega em feudo a Giácomo II de Aragão. Talvez o fato tenha sido julgado de pouca importância, sobretudo porque, por um quarto de século, nada aconteceu. Apenas em 1323, de fato, Alfonso de Aragão pôs em ação a expedição de conquista da Sardenha.

A qualidade do evento tornar-se-á evidente no intervalo de décadas, durante as quais cresce a presença catalã, são retiradas da Ilha primeiramente Pisa e depois Gênova, se completa a ruptura da aliança entre Arbórea e Aragão e daí deriva uma guerra destinada a ser concluída somente em 1409, quando os catalães derrotam definitivamente os arborenses na batalha de Sanluri.

No ínterim, houve a fome (e a crise econômica) de 1333 e a peste negra de 1348, que não podiam não influir negativamente sobre o já precário andamento demográfico. Mas houve também a promulgação, em 1392, da *Carta de Logu*, o código de leis de Eleonora, rainha do Juizado de Arbórea, escrito em sardo e destinado a permanecer em vigor até 1827: para os sardos, um seguro sinal de identidade.

Em 1421, a *Carta de Logu* foi estendida a toda a Sardenha. A língua local teve, por conseguinte, um lugar não insignificante, junto ao catalão e o castelhano, a língua do Reino de Espanha, na administração da Justiça.

O que impressiona é exatamente o fato de que aquelas línguas conviviam segundo modalidades que podem parecer surpreendentes. O catalão se irradia a partir das cidades, onde tem o máximo da difusão para os centros do interior, resiste à unificação da Coroa de Aragão e Castelo e continua a executar suas funções públicas até 1643, data a partir da qual o castelhano é empregado estavelmente por decreto. O castelhano, por sua vez, penetra em profundo, adapta-se ao gosto, às exigências expressivas e espirituais dos sardos, à complexidade do seu mundo interior.

Agora é preciso dizer que, em cada volta da história, deponha alguém para reprovar os sardos por não terem apreendido bem as línguas. O mais antigo escritor ao qual dirigiu-se tal censura foi Luciferr (300-370), bispo e autor de obras escritas em um estilo latino considerado quase bárbaro. Assim o bispo se encontra na origem da tradição literária sarda não apenas por razões cronológicas mas também fez-se inaugurador de um modo de escrever que acompanhou os autores sardos até a idade contemporânea: em equilíbrio entre língua e cultura — um pouco pelo condicionamento das circunstâncias históricas, um pouco por escolha pessoal, que termina por tornar-se característica distintiva de um povo.

O castelhano, desta forma, enraíza-se e recebe, na Sardenha,

uma vitalidade capaz de fazê-lo superar o limiar representado pelo fim da dominação espanhola. Não há com o que se surpreender se os catalanismos e espanholismos presentes no sardo são numerosos e dizem respeito à vida social, à administração do Estado, à esfera religiosa e àquela cultural.

1718 é o ano do Tratado de Londres, que designa a Sardenha a Vittorio Amedeo II de Savoia.

Quantos sardos souberam do acordo diplomático? Se tivessem tomado conhecimento, teriam sido favoráveis ou não? E teriam tido condições de imaginar os êxitos futuros daquela ligação que se acendia com o ducado piemontês e que teria transformado duas regiões marcadas por histórias completamente diversas no fulcro do processo unitário italiano?

Agora já temos informações suficientes que nos ajudam a reconstruir uma página complexa da história insulana, marcada pela passagem de outra fronteira, pelo nascimento de uma nova nostalgia, pela ascensão de muitas esperanças e de não menos numerosas polêmicas. Recorde-se a potente Espanha, o senso de frustração pela ligação com o pequeno Piemonte e o amargor de descobrir que os Savoias não gostavam da nova posse: existe apenas a satisfação pela recuperação de um princípio antigo, e nunca apagado, de *italianidade*, e há a ideia de si mesmos, vistos na dimensão de uma *sardidade* que a história continua a oprimir. Há os problemas cotidianos de um povo composto por 300.000 indivíduos (11 habitantes por km²), perdidos em um território privo de comunicações, inseguro, malárico, despojado por séculos do menor recurso financeiro.

Uma situação difícil, sob o perfil político e econômico, mas rica e vital no campo da cultura e da língua. O sol do espanhol se põe (mas não desaparece); permanece, ou melhor, encontra dignidade e desenvolvimento nas páginas dos escritos, o sardo; difunde-se o italiano, língua com a qual existia uma antiga familiaridade.

Foi uma estação de *reflorescimento* destinada a terminar nos últimos anos do século XVIII, quando os eventos internos se entremearam com os acontecimentos da política europeia. A chegada de uma frota francesa, enviada para conquistar a Sardenha, teve, em certo sentido, a função de um detonador. Os sardos responderam aos assaltos; a vitória exaltou a consciência da própria

força e a amolação nos confrontos com a arrogância piemontesa. Daí derivaram as jornadas de 1794, quando, com exemplar civilidade, os dominadores foram acompanhados até os navios e embarcados com seus bens, incluindo as riquezas acumuladas no exercício do poder sobre a Ilha.

Nesse contexto, amadureceu a revolta de Giovanni Maria Angioy, que pode ser lida como a última carta jogada quando não havia mais esperança alguma de ver melhorarem as condições na Ilha. Àquele evento *revolucionário* seguiu-se uma feroz repressão, que imergiu a Sardenha num banho de sangue, sufocou todas as esperanças e inaugurou um processo de restauração cerca de 15 anos antes que toda a Europa conhecesse, com o Congresso de Vienna, uma tentativa análoga.

De tais fatos, da complexidade e do fascínio de uma página histórica densa e aventurosa, além do aspecto humano que lhe concerne diretamente, Vincenzo Sulis (1758-1834), na sua *Autobiografia*, oferece-nos um conto eficaz, escrito numa língua italiana em que se misturam os sons e os significados de todas as línguas faladas na Sardenha.

Prescindindo das avaliações que cada um pode fazer, não há dúvidas de que a história insulana completa, no curso do século XIX, uma reviravolta radical.

1847 é o ano da *perfeita fusão* com a qual os sardos, após longas polémicas, escolhem renunciar aos próprios privilégios institucionais para fundir-se com o Piemonte. Os processos sucessivos de ressurgimento indicam uma estrada em boa medida coerente com as escolhas operadas pelos escritores e estudiosos que, na segunda metade do século XIX, quiseram exprimir-se em língua italiana, mesmo quando colocavam no centro da atenção o destino da pátria sarda e as virtudes dos antigos heróis nos diversos momentos da história.

Isso pode parecer contraditório, se não se levar em conta que, mais uma vez, os sardos escolhem empregar a língua considerada mais eficaz nas circunstâncias dadas, uma daquelas que possuem, tendo eles, como tiveram ao longo dos séculos, por necessidade ou por escolha, competência em diversas línguas e sendo capazes de empregar-las distintamente, misturando-as ou fazendo aparecer a

sua própria, aquela “nativa”, mesmo quando escrevem em outro idioma.

1861 é o ano da Unificação da Itália, uma unidade nascida pela ação de duas regiões periféricas e destinadas a exprimir-se de modo a não garantir vida equilibrada e harmônica entre as diversas partes da nação.

As obras literárias, sob o plano temático e sob o plano linguístico, nos restituem uma informação que é tanto lógica como difícil de explicar: os escritores do século XIX sentem-se, ao mesmo tempo, sardos e italianos. E escolhem escrever em italiano. É difícil pensar que pudesse surgir a própria ideia de sardismo político sem aquele Enrico Costa (1841-1909), que em todos os seus escritos se propôs exortar os sardos às *histórias*. E todavia Costa escreveu em italiano a sua vasta obra histórica, literária e de ilustração geográfica da Sardenha. Não diferentemente fizeram os outros autores, que operaram em uma idade marcada pelo Romantismo, pela redescoberta do conceito de *povo* e pela ideia de *nação*.

O século XX abre-se com os romances e contos de Grazia Deledda (1871-1936), escritora que em 1926 obterá o Nobel de literatura, e com os versos de Sebastiano Satta (1867-1914): dois modos diferentes de representar em língua italiana uma interioridade fortemente marcada pelo universo insulano no qual os autores tinham nascido e se formado.

Assim como farão, cada uma elaborando um estilo próprio, afinado no confronto com as concepções expressas contemporaneamente na Itália, na Europa e no resto do mundo, os escritores – apenas para citar alguns nomes: Emilio Lussu (1890-1975), Giuseppe Dessì (1909-1977), Salvatore Satta (1902-1975), Benvenuto Lobina (1914-1993), Sergio Atzeni (1952-1995) – operantes na primeira e depois na segunda metade do século, quando, depois da Guerra Mundial, o reino da Itália se transformará em República (1946) e a Sardenha terá um estatuto que sanciona a sua autonomia especial (1948).

No entanto, não é individualmente que pretendemos falar nesta síntese, mas muito mais de uma linha de tendência, da expressão de uma *welthanschauung* na qual é possível encontrar traços divisivos, conceitos e expressões, o aflorar e entremear-se das

línguas empregadas no próprio vivido, na oralidade e na escrita, nos pensamentos, nas orações.

Todos, cada um a seu modo, exprimem a ideia de uma identidade que é o fruto de um processo lento de vida, de reflexão e de estudo, que se desenvolve e se acrescenta, se modifica (e às vezes *se inventa*), utilizando o melhor possível as ocasiões de encontro e de conhecimento. Isso até chegar a compreender que existem também dimensões identitárias mais amplas, plurais e complexas do que aquelas que caracterizam cada individualidade etno-histórica e contribuem para alargar as fronteiras das pátrias, pequenas ou grandes que sejam.

Giuseppe Dessì e Sergio Atzeni, por exemplo, compartilham um modo semelhante de interpretar o tema da identidade: um e outro pensaram e narraram a Sardenha, animados pela paixão e racionalidade, sem nunca abrirem mão da observação e da compreensão de horizontes mais amplos. Talvez também por isso, pelo seu “ser sardos, italianos e europeus”, e por terem conseguido representar narrativamente este complexo nó identitário, imprimiram uma pegada significativa na produção literária contemporânea.

Baseando-se em tais elementos, pode-se olhar para a história cultural e literária dos sardos como se fosse um tipo de preparação para encarar o futuro: obrigados pela sorte a antecipar os tempos da globalização, arrancados da sua aldeia e projetados no grande mundo das relações internacionais, habituados a tratar com fenícios e romanos, catalães e aragoneses, com piemonteses e italianos, habituados a usar a própria língua e a dos outros, a estudar culturas de nações muito potentes com as quais deviam ter relações talvez mais complexas do que as navegações telemáticas, podem ser considerados hábeis para enfrentar as dificuldades do presente e prontos para o futuro. A menos que não se esqueçam de sua história e saibam tirar as suas lições.

Cronologia

Cronologia

Dalle origini all'Ottocento

Das origins ao Ottocento

IV sec.	EUSEBIO	<i>Epistolae ad Constantium, ad presbyteros et plebem Italiae, ad Gregorium episc. Spanensem</i>
	LUCIFERI CALARITANI	<i>Moriundum esse pro dei filio</i>
	LUCIFERI CALARITANI	<i>De Sancto Athanasio</i>
	LUCIFERI CALARITANI	<i>De non conveniendo cum haereticis</i>
XI sec.		<i>Carta scritta in caratteri greci</i>
XII sec.		<i>Passio di S. Antioco</i>
		<i>Passio Sancti Lussori</i>
		<i>Passio sanctorum martyrum Gavini, Proti et Januari</i>
		<i>Passione di Sant'Antioco</i>
		<i>Statuti di Castelsardo</i>
		<i>Statuti di Sassari</i>
		<i>La vita e l'ufficio di San Giorgio di Suelli</i>
		<i>Legenda Sancti Saturni</i>
		<i>Legenda Sanctissimi praesulis Georgii Suelensis</i>
XIII sec.		<i>Libellus Judicum Turritanorum</i>
1070-1216		<i>Carte Volgari di Cagliari</i>
XII-XIII sec.		<i>Condaghe di S. Maria di Bonàrcado</i>
XII-XIII sec.		<i>Condaghe di S. Nicola di Trullas</i>
XII-XIII sec.		<i>Condaghe di San Gavino di Porto Torres</i>
XII-XIII sec.		<i>Condaghe di S. Pietro di Silki</i>
1318-1321		<i>Breve del porto di Cagliari</i>
1353	MARIANO IV	<i>Codice rurale</i>
1392?	ELEONORA DE ARBOREA	<i>Carta de Logu</i>
1004-1478		<i>Cartulari de Arborea</i>
XV sec.		<i>Registro di San Pietro di Sorres</i>
1400		<i>Laudario</i>
		<i>Laude de Nostra Signora de sa Rosa</i>
		<i>Laudes de sa Santa Rughe</i>
	ANTONIO CANO	<i>Sa vitta et sa morte et passione de Sancti Gavinu, Prothu et Januariu</i>
1550	RODERIGO HUNNO BAEZA	<i>Caralis panegyricus</i>
	PROTO ARCA	<i>De bello et interitu marchionis Oristaneci</i>

	GIOVANNI FRANCESCO FARA	<i>De corographia Sardiniae</i>
	RODERIGO HUNNO BAEZA	<i>In dispar coniugium</i>
	GIOVANNI ARCA	<i>Naturalis et moralis historiae de rebus Sardiniae</i>
	SIGISMONDO ARQUER	<i>Sardiniae brevis historia et descriptio</i>
1556	GAVINO SAMBIGUCCI	<i>In hermathenam Bocchiam interpretatio</i>
1565	JUAN TOMÁS PORCELL	<i>Informacion y curacion de la peste de Çaragoza, y preservacion contra la peste en general</i>
1570?	SIGISMONDO ARQUER	<i>Coplas al imagen del Crucifixo</i>
1571	ANTONIO LO FRASSO	<i>El verdadero discurso de la gloriosa victoria</i>
	ANTONIO LO FRASSO	<i>Los mil y dozientos consejos y avisos discretos</i>
1572	FRANCESCO BELLIT	<i>Capitols de Cort del estament militar de Sardenya</i>
1573	ANTONIO LO FRASSO	<i>Los diez libros de la fortuna d'amor</i>
1580	GIOVANNI FRANCESCO FARA	<i>De rebus sardois</i>
1582	GIROLAMO ARAOLLA	<i>Sa vida, su martiriu et morte d'essos gloriosos martires Gavinu, Brothu et Gianuari</i>
1590?	GIOVANNI ARCA	<i>Barbaricorum libelli</i>
1591	PIETRO GIOVANNI ARQUER	<i>Capitols de Cort del Estament militar de Sardenya ec., y de nou añadits y stampats los capitols dels parlaments reespectivament celebrats per los señors Don Joan Coloma y D. Miguel de Moncada</i>
1595	ANTIOCO BRONDO	<i>Historia y milagros de N. Señora de Buenayre de la Ciudad de Caller</i>
1596	PIETRO DELITALA	<i>Rime diverse</i>
1597	GEROLAMO ARAOLLA	<i>Rimas diversas spirituales</i>
1598	GIOVANNI ARCA	<i>De sanctis Sardiniae</i>
XVII sec.		<i>Canzoniere ispano-sardo</i>
1600	ANTIOCO DEL ARCA	<i>El saco imaginado</i>
	JUAN FRANCISCO CARMONA	<i>Passión de Christo nuestro Señor</i>
1603	PIETRO GIOVANNI ARQUER	<i>Rubrica de tots los reals privilegis concedits a la magnifica ciutat de Caller por los serenissimos Reys de Arago</i>
1612	ANTIOCO BRONDO	<i>Commentario sull'Apocalissi</i>
1627	JACINTO ARNAL DE BOLEA	<i>Encomios en octavas al Torneo</i>
	GIAN MATTEO GARIPA	<i>Legendariu de santas virgines, et martires de Jesu Christu. Hue si contenen exemplos admirabiles, necesarios ad ogni sorte de personas, qui pretenden salvare sas animas insoro. Vogadas de Italianu in Sardu per Ioan Matheu Garipa Sacerdote Orgosolesu</i>

		<i>pro utile dessor devotos dessa natione sua. Andat dedicadu assas Iuvenes de Baunei, et Triei unu tempus Parrochianas suas in su Regnu de Sardigna</i>
1630?	GIOVANNI DEXART	<i>Discursos politicos de los Varones illustr. de Sardeña</i>
1631	JUAN FRANCISCO CARMONA	<i>Alabanças de los Santos de Sardeña</i>
	GIOVANNI DEXART	<i>Discursos y apuntamientos sobre la proposicion hecha en nombre de su Magestad a los tres Braços ecclesiastico, militar y real en 8 de henero de 1631 por Don Geronimo Pimentel marques de Vayona, virrey</i>
1633	GIOVANNI DEXART	<i>Pro marchione de Villa Cidro, domino Encontratae de Planargia contra Promotorem fiscalem Mensae episc. Bosanensis</i>
1636	JACINTO ARNAL DE BOLEA	<i>El Forastero</i>
1638	SAVATORE VIDAL	<i>Urania sulcitana</i>
1639	FRANCISCO ANGELO DE VICO	<i>Historia general de la Isla y Reyno de Sardeña</i>
	SALVATORE VIDAL	<i>Madriperla serafica della vita et miracoli del B. Salvatore da Orta</i>
1640	FRANCISCO ANGELO DE VICO	<i>Leges y pragmaticas reales del reyno de Sardeña</i>
1641	GIOVANNI DEXART	<i>Capitula sive acta curiarum regni Sardiniae</i>
	SALVATORE VIDAL	<i>Clipeus Aureus excellentiae calaritanae</i>
1643	SALVATORE VIDAL	<i>Propugnaculum triumphale</i>
1644	SALVATORE VIDAL	<i>Respuesta al historico Vico</i>
1651	GIOVAN BATTISTA BURAGNA	<i>Batalla peregrina entre amor y fidelidad con portentoso triumpho de las armas de España etc.</i>
	GAVINO FARINA	<i>Medicinale patrociniun ad tyrones Sardiniae medicos, in quo natura febris Sardiniae provincias vexantis, causae, signa, prognostica et medendi methodus describitur eiusdemque Sardiniae calumnia quam a priscis meruit habere vindicatur</i>
1672	JOSÉ DELITALA Y CASTELVÍ	<i>Cima del monte Parnaso Español</i>
1680	JORGE ALEO	<i>Historia cronologica y verdadera de todos los successos y casos particulares sucedidos en la Isla y Reyno de Sardeña del año 1637 al año 1672</i>
	JORGE ALEO	<i>Successos generale de la Isla y Reyno de</i>

<i>Sardegna</i>		
1687-1688	GIUSEPPE ZATRILLAS Y VICO	<i>Engaños y desengaños del profano amor</i>
1700?	MAURIZIO CARRUS	<i>Comedia de la Sacratissima Passion de nuestro Señor Jesu Christo sacada de los quatro Evangelistas</i>
1700?		<i>La Passion de Nuestro Señor Iesu Christo</i>
1702	PIETRO AQUENZA MOSSA	<i>Tractatus de febre intemperie, sive mutaciones vulgariter dicta Regni Sardiniae</i>
1709	VICENTE BACALLAR Y SANNA	<i>Los Tobias, su vida escrita en octavas rimas</i>
1714	VICENTE BACALLAR Y SANNA	<i>Description géographique, historique et politique du royaume de Sardaigne</i>
	VICENTE BACALLAR Y SANNA	<i>Palacio de Momo</i>
1719	VICENTE BACALLAR Y SANNA	<i>Monarchia hebrea</i>
1725	VICENTE BACALLAR Y SANNA	<i>Commentarios de la guerra de España y historia de su Rey Phelipe V el animoso desde el principio de su regnado hasta la paz general del año 1725</i>
1726-1727	MAURIZIO CARRUS	<i>Libro de gosos</i>
1732	ANTONIO MACCIONI	<i>Las siete estrellas de la mano de Jesus. Tratado historico de las admirables vidas y resplandores de virtudes de siete varones illustres de la compañía de Jesus, naturales de Cerdeña</i>
1736	GIOVANNI DELOGU IBBA	<i>Index libri vitae</i>
1750?	MATTEO MADAO	<i>Catalogo istorico di tutte le più illustri famiglie sarde</i>
1750?	GIOVANNI BATTISTA MADEDDU	<i>Comedia sacra a sa Resurrezione de Jesu Christu in sesta lyra sarda</i>
1750	MAURIZIO PUGIONI	<i>El barbiero</i>
	PIETRO CHESSA CAPPAL	<i>Historia de la vida y hechos de San Luxorio</i>
	MAURIZIO PUGIONI	<i>La vita di S. Luigi Conzaga</i>
	ANTONIO SISCO	<i>Memorie pertinenti alle cose di Sardegna</i>
	ANTONIO SISCO	<i>Miscellaneee edite e inedite di cose sarde</i>
	ANTONIO SISCO	<i>Notizie di cose sarde</i>
1750?	GIOVANNI MARIA CONTU	<i>Obra poetica... Alegre, festiva y devota representaci3n de algunas de las virtudes, y prodigios que por virtud divina obr3... el milagroso Beato Salvador de Horta</i>
1760?	MATTEO MADAO	<i>Relazione sull'invasione del 1793 in Sardegna</i>
1765	GIAN BATTISTA VASCO	<i>De certitudine in quaestionibus facti...</i>
1770	MATTEO MADAO	<i>Ripulimento della lingua sarda</i>
1772	FRANCESCO CARBONI	<i>De sardoa intemperie</i>
	DOMENICO SIMON	<i>Trattenimento sulla sfera e sulla geografia</i>

	DOMENICO SIMON	<i>Trattenimento sulla storia sacra dalla creazione del mondo alla nascita di Gesù Cristo</i>
1774	FRANCESCO CARBONI	<i>La sanità dei letterati</i>
	GIUSEPPE COSSU	<i>Pensieri per resistere ai funesti effetti dell'abbondanza e della carestia</i>
	FRANCESCO CARBONI	<i>Poesie italiane e latine</i>
	FRANCESCO CARBONI	<i>Sonetti anacreontici</i>
1776	FRANCESCO CARBONI	<i>Carmina nunc primum edita</i>
	FRANCESCO CARBONI	<i>La coltivazione della rosa</i>
1778	DOMENICO SIMON	<i>Per le feste di S. E. conte Lascaris di Ventimiglia, canto in 8^a rima</i>
1779	FRANCESCO CARBONI	<i>De corallis</i>
	ANTONIO PURQUEDDU	<i>De su tesoru de sa Sardigna (Del Tesoro della Sardegna nel cultivo de' bachi e gelsi)</i>
	GIUSEPPE MARIA PILO	<i>Discorso sopra l'utilità delle piante e della loro coltivazione per uso della diocesi di Ales e Terralba</i>
	DOMENICO SIMON	<i>Le piante</i>
	FRANCESCO CARBONI	<i>Selecta carmina</i>
1779-1780	GIAMBATTISTA QUASINA	<i>Discorso sopra la coltivazione di alcuni alberi</i>
1780	ANDREA MANCA DELL'ARCA	<i>Agricoltura di Sardegna</i>
	GIUSEPPE COSSU	<i>Della città di Cagliari</i>
1780?	ANTONIO MARCELLO	<i>Le trecento matrone romane</i>
1780?	V. F. MELANO DI PORTULA	<i>Lettera pastorale</i>
1780?	GAVINO PES	<i>Lu pentimentu</i>
1780?	GAVINO PES	<i>Lu tempu</i>
1780?	ANTONIO MARCELLO	<i>Perdicca</i>
1780?	EFISIO PINTOR SIRIGU	<i>Pilloni chi sesi</i>
1780?	EFISIO PINTOR SIRIGU	<i>Po paras canzonis?</i>
1780	FRANCESCO CARBONI	<i>Recentiora carmina</i>
1780?	PIETRO PISURZI	<i>S'abe</i>
1780?	PIETRO PISURZI	<i>S'anzone</i>
1780?	EFISIO PINTOR SIRIGU	<i>Sa canzoni de su caboniscu</i>
1781	FRANCESCO CARBONI	<i>Hendecasyllaba ad SS. Eucharistiam</i>
1782	MATTEO MADAO	<i>Saggio d'un'opera intitolata «il ripulimento della lingua sarda» lavorato sopra la sua analogia colle due matrici lingue la greca e la latina</i>
1783	GIUSEPPE COSSU	<i>Della città di Sassari</i>
1784	FRANCESCO CARBONI	<i>Carmina nonnulla</i>
	FRANCESCO CARBONI	<i>D. Thomae rythmus</i>
	FRANCESCO CARBONI	<i>De extrema Cristi coena</i>
	ANTONIO MARCELLO	<i>Il Marcello</i>

	MATTEO MADAO	<i>Lettera apoletica, ovvero osservazioni critiche sopra l'opera del P. Fra. Giacinto Hintz contro l'avvocato Saverio Maffei</i>
	LUIGI SOFFI	<i>Poesie</i>
1785?	ANTONIO MARCELLO	<i>La morte del giovane Marcello</i>
1785	ANTONIO MARCELLO	<i>Olimpia ovvero l'estinzione della stirpe di Alessandro il Grande</i>
1787	GIUSEPPE COSSU	<i>Discorso sopra i vantaggi che si possono trarre dalle pecore sarde</i>
	MATTEO MADAO	<i>Le armonie dei Sardi</i>
1787-1788	DOMENICO SIMON	<i>Rerum sardoarum scriptores</i>
1788-1789	GIUSEPPE COSSU	<i>La coltivazione de' gelsi, e propagazione de' filugelli in Sardegna (tomo primo, Morigrafia sarda ossia Catechismo gelsario proposto per ordine del Regio Governo alli possessori di terre ed agricoltori del Regno sardo; tomo secondo Serigrafia sarda ossia Catechismo del filugello proposto per ordine del Regio Governo alle gentili femmine sarde)</i>
1789	GIUSEPPE COSSU	<i>Del cotone arboreo</i>
	GIUSEPPE COSSU	<i>Istruzione olearia</i>
	GIUSEPPE COSSU	<i>Metodo per distruggere le cavallette</i>
	GIUSEPPE COSSU	<i>Pensieri sulla moneta papiracea</i>
1790	PIETRO CRAVERI	<i>Lettera pastorale di Monsignor Pietro Craveri, vescovo di Galtelli-Nuoro sopra la coltivazione del cotone</i>
	GIUSEPPE COSSU	<i>Saggio sul commercio della Sardegna</i>
1791	MATTEO MADAO	<i>Versione de su Rithmu Eucaristicu cum paraphrasi in octava rima, facta dae su latinu in duos principales dialectos</i>
1792	MATTEO MADAO	<i>Dissertazioni storiche apoletiche critiche sulle sarde antichità</i>
1793	RAIMONDO CONGIU	<i>Il trionfo della Sardegna</i>
1793?		<i>L'Achille della Sarda Liberazione</i>
1793	MAURIZIO PUGIONI	<i>Memorie storiche della spedizione della gran flotta francese contro l'isola di Sardegna dell'invasione della città capitale e delle isole intermedie</i>
1793?	PIETRO PISURZI	<i>Sa religione contra sa libertade e iguaglianza</i>
1793?	FRANCESCO IGNAZIO MANNU	<i>Su patriota sardu a sos feudatarios</i>
1798	RAIMONDO VALLE	<i>L'isola dei sogni</i>
1799	GIUSEPPE COSSU	<i>Descrizione geografica della Sardegna</i>

1800	GIOVANNI (GIAN) ANDREA MAS-SALA	<i>Del matrimonio e de' suoi doveri</i>
1800?	FRANCESCO CARBONI	<i>Epigrammi</i>
1800?	GIUSEPPE LUIGI SCHIRRU	<i>Il Napoleone</i>
1800	GIOVANNI (GIAN) ANDREA MAS-SALA	<i>Istituzioni poetiche proposte agli amatori di poesia latina e italiana</i>
1800?	GIOVAN PIETRO CUBEDDU (PADRE LUCA)	<i>Su leone e s'ainu</i>
1800	MELCHIORRE MURENU	<i>Tancas serradas a muru</i>
1800?	anonimo	<i>Canzona di mastru Juanni</i>
1801	PIETRO ANTONIO LEO	<i>Di alcuni antichi pregiudizii sulla così detta Sarda intemperie, e sulla malattia conosciuta con questo nome, Lezione Fisico-Medica</i>
1802	DOMENICO ALBERTO AZUNI	<i>Histoire géographique, politique et naturelle de la Sardaigne</i>
	RAIMONDO VALLE	<i>I tonni</i>
1803	GIOVANNI (GIAN) ANDREA MAS-SALA	<i>Dissertazioni sul progresso delle scienze e della letteratura in Sardegna dal ristabilimento delle due regie Università</i>
1805	DOMENICO ALBERTO AZUNI	<i>Droit maritime de l'Europe</i>
	GIOVANNI (GIAN) ANDREA MAS-SALA	<i>Saggio storico-fisico sopra una grotta sotterranea esistente presso la città di Alghero</i>
1807	GIOVANNI (GIAN) ANDREA MAS-SALA	<i>Programma d'un giornale di varia letteratura ad uso de' sardi</i>
1808	RAIMONDO VALLE	<i>L'antro fatidico</i>
	GIOVANNI (GIAN) ANDREA MAS-SALA	<i>Sonetti storici sulla Sardegna</i>
1811	VINCENZO RAIMONDO PORRU	<i>Saggio di grammatica sul dialetto sardo meridionale</i>
1812	RAIMONDO VALLE	<i>Ercole ed Ebe</i>
1814	RAIMONDO VALLE	<i>Camilla e Polidoro</i>
1818	RAIMONDO VALLE	<i>Gli eroi</i>
1822	RAIMONDO VALLE	<i>I coralli (traduzione del poema latino De corallis di Francesco Carboni)</i>
1825-1827	GIUSEPPE MANNO	<i>Storia di Sardegna</i>
1827	CARLO FELICE	<i>Codice feliciano</i>
1828	GIUSEPPE MANNO	<i>De' vizi de' letterati</i>
1831	GIUSEPPE MANNO	<i>Della fortuna delle parole</i>
1832-1833	VINCENZO SULIS	<i>Autobiografia</i>
1832	VINCENZO RAIMONDO PORRU	<i>Nou dizionariu universali sardu-italianu</i>
1833	RAIMONDO VALLE	<i>Il tempio del destino</i>
1834	FRANCESCO CARBONI	<i>De sardorum literatura</i>
	FRANCESCO CARBONI	<i>Selectiora carmina</i>
1837-1838	PASQUALE TOLA	<i>Dizionario biografico degli uomini illustri</i>

		<i>di Sardegna</i>
	PIETRO MARTINI	<i>Biografia sarda</i>
1839-1841	PIETRO MARTINI	<i>Storia ecclesiastica di Sardegna</i>
1839	VITTORIO ANGIUS	<i>De laudibus Leonorae Arborensium reginae oratio</i>
	GIUSEPPE MANNO	<i>Il giornale di un collegiale</i>
1840	GIOVANNI SPANO	<i>Ortografia sarda nazionale, ossia grammatica della lingua logudorese paragonata all'italiana</i>
1840?	VINCENZO BRUSCU ONNIS	<i>L'orfano</i>
1842	FRANCESCO CARBONI	<i>De corde Jesu, Sonetti in sardo logudorese sull'Eucaristia</i>
	GIUSEPPE MANNO	<i>Storia moderna della Sardegna dall'anno 1775 al 1799</i>
1843-1844	GIOVANNI SIOTTO-PINTOR	<i>Storia letteraria di Sardegna</i>
1845	VINCENZO BRUSCU ONNIS	<i>Adelasia di Torres</i>
		<i>Carte d'Arborea (Falsi d'Arborea)</i>
1847	VITTORIO ANGIUS	<i>Leonora d'Arborea o scene sarde degli ultimi lustri del secolo XIV</i>
1850?	GAVINO NINO	<i>Ugone d'Arborea</i>
1851	GIOVAN BATTISTA TUVERI	<i>Del diritto dell'uomo alla distruzione dei cattivi governi. Trattato teologico filosofico</i>
1851-1852	GIOVANNI SPANO	<i>Vocabolario sardo-italiano e italiano-sardo</i>
1852	PIETRO MARTINI	<i>Storia di Sardegna dal 1799 al 1816</i>
1855-1876	GIORGIO ASPRONI	<i>Diario</i>
1857	FRANCESCO SULIS	<i>Dei moti politici dell'isola di Sardegna</i>
1861	PIETRO MARTINI	<i>Storia delle invasioni degli arabi e delle piraterie dei barbareschi in Sardegna</i>
1861-1868	PASQUALE TOLA	<i>Codex diplomaticus Sardiniae</i>
1862	ANTONIO BACCAREDDA	<i>Angelica</i>
1864	ANTONIO BACCAREDDA	<i>La crestaia</i>
1868	GIOACCHINO CIUFFO	<i>Eleonora d'Arborea</i>
	GIUSEPPE MANNO	<i>Note sarde e ricordi</i>
1869	ANTONIO BACCAREDDA	<i>Paolina</i>
1870	CARLO BRUNDU	<i>L'Alcaide di Longone</i>
1871	ANTONIO BACCAREDDA	<i>Il bene dal male</i>
	MICHELE OPERTI	<i>Vincenzo Sulis</i>
	ANTONIO BACCAREDDA	<i>Vincenzo Sulis. Bozzetto storico</i>
1872	CARLO BRUNDU	<i>La rotta di Macomer</i>
	PIETRO CARBONI	<i>Leonardo Alagon</i>
1874	OTTONE BACCAREDDA	<i>Roccapinosa</i>
	CARLO BRUNDU	<i>Adelasia di Torres</i>
	ENRICO COSTA	<i>Paolina</i>
1875	MARCELLO COSSU	<i>Elodia e la repubblica sassarese</i>

	GIOVANNI SIOTTO-PINTOR	<i>Il ridicolo</i>
	GIOVANNI SIOTTO-PINTOR	<i>Non mi ama</i>
	MARCELLO COSSU	<i>Violetta del Goceano</i>
1876	CARLO BRUNDU	<i>Una congiura in Cagliari</i>
1877	GIOVANNI SIOTTO-PINTOR	<i>Storia civile dei popoli sardi dal 1798 al 1848</i>
1878	GIOVANNI SIOTTO-PINTOR	<i>Feliciana, ossia la ribellione delle mogli</i>
1879	MARCELLO COSSU	<i>La bella di Osilo</i>
	OTTONE BACAREDDA	<i>Bozzetti sardi</i>
1881	ANTONIO BACCAREDDA	<i>Sull'orlo dell'abisso</i>
1882	GAVINO COSSU	<i>Gli Anchita e i Brundanu</i>
1884	OTTONE BACAREDDA	<i>Casa Corniola</i>
1885	ENRICO COSTA	<i>Il muto di Gallura</i>
	MARCELLO COSSU	<i>Ritedda di Barigau</i>
1887	STEFANO SAMPOL GANDOLFO	<i>L'eremita di Ripaglia ossia l'antipapa Amedeo VIII di Savoia. Racconto storico</i>
	ENRICO COSTA	<i>La bella di Cabras</i>

La narrativa del Novecento

A narrativa do Novecento

1890	GRAZIA DELEDDA	<i>Nell'azzurro</i>
1891	GRAZIA DELEDDA	<i>Amore regale</i>
	GRAZIA DELEDDA	<i>Stella d'Oriente</i>
	GRAZIA DELEDDA	<i>Fior di Sardegna</i>
1892	GRAZIA DELEDDA	<i>Amori fatali, La leggenda nera</i>
	GRAZIA DELEDDA	<i>La regina delle tenebre</i>
	GRAZIA DELEDDA	<i>Sulle montagne sarde</i>
1893	CARLO BRUNDO	<i>Il romanzo di una montanina</i>
1894	GRAZIA DELEDDA	<i>Racconti sardi</i>
1895	GRAZIA DELEDDA	<i>Le tentazioni</i>
	GRAZIA DELEDDA	<i>Anime oneste</i>
1896	GRAZIA DELEDDA	<i>La via del male</i>
1897	ENRICO COSTA	<i>Rosa Gambella</i>
	ENRICO COSTA	<i>Giovanni Tolu</i>
	GRAZIA DELEDDA	<i>Il tesoro</i>
1898	GRAZIA DELEDDA	<i>L'ospite</i>
1899	GRAZIA DELEDDA	<i>Giaffah</i>
	GRAZIA DELEDDA	<i>La giustizia</i>
	GRAZIA DELEDDA	<i>N. S. del buon consiglio</i>
	GRAZIA DELEDDA	<i>Le disgrazie che può cagionare il denaro</i>
	GRAZIA DELEDDA	<i>I tre talismani</i>
1900	GRAZIA DELEDDA	<i>Il vecchio della montagna</i>
	GIOVANNI SARAGAT	<i>Tribunali umoristici. Anno I</i>
1902	POMPEO CALVIA	<i>Quiteria</i>
	GRAZIA DELEDDA	<i>Dopo il divorzio</i>
	GIOVANNI SARAGAT	<i>La giustizia che diverte.</i>
		<i>Tribunali umoristici. Anno II</i>
1903	GRAZIA DELEDDA	<i>Elias Portolu</i>
1904	GRAZIA DELEDDA	<i>Cenere</i>
	FILIBERTO FARCI	<i>Novelle rusticane</i>
	GIOVANNI SARAGAT	<i>La famiglia alpinistica. Tipi e paesaggi</i>
1905	GRAZIA DELEDDA	<i>I giochi della vita</i>
	GIOVANNI SARAGAT	<i>Mondo birbone. Tribunali umoristici</i>
1906	GRAZIA DELEDDA	<i>Nostalgie</i>
	GRAZIA DELEDDA	<i>L'edera</i>
1907	GRAZIA DELEDDA	<i>Amori moderni</i>

	GRAZIA DELEDDA	<i>L'ombra del passato</i>
	GIACINTO SATTA	<i>Il tesoro degli angioini</i>
1908	GRAZIA DELEDDA	<i>Il nonno</i>
1910	PIETRO CASU	<i>Notte sarda</i>
	GRAZIA DELEDDA	<i>Sino al confine</i>
	GRAZIA DELEDDA	<i>Il nostro padrone</i>
1911	GRAZIA DELEDDA	<i>Nel deserto</i>
1912	GRAZIA DELEDDA	<i>Colombi e sparvieri</i>
	GRAZIA DELEDDA	<i>Chiaroscuro</i>
1913	GRAZIA DELEDDA	<i>Canne al vento</i>
1914	GRAZIA DELEDDA	<i>Le colpe altrui</i>
1915	GRAZIA DELEDDA	<i>Marianna Sirca</i>
1916	GRAZIA DELEDDA	<i>Il fanciullo nascosto</i>
	GIOVANNI SARAGAT	<i>Ironie</i>
1918	GRAZIA DELEDDA	<i>L'incendio nell'uliveto</i>
1919	GRAZIA DELEDDA	<i>Il ritorno del figlio, La bambina rubata</i>
1920	FILIPPO ADDIS	<i>Il divorzio</i>
	PIETRO CASU	<i>Ghermita al core</i>
	GRAZIA DELEDDA	<i>La madre</i>
	GRAZIA DELEDDA	<i>Naufraghi in porto</i>
1921	PIETRO CASU	<i>Il voto</i>
	GRAZIA DELEDDA	<i>Cattive compagnie</i>
	GRAZIA DELEDDA	<i>Il segreto dell'uomo solitario</i>
1922	PIETRO CASU	<i>Aurora sarda</i>
	PIETRO CASU	<i>Per te, Sardegna</i>
	GRAZIA DELEDDA	<i>Il dio dei viventi</i>
1923	PIETRO CASU	<i>La dura tappa</i>
	GRAZIA DELEDDA	<i>Il flauto nel bosco</i>
	ROMOLO RICCARDO LECIS	<i>La razza</i>
	STEFANO SUSINI	<i>Sardi alla mola</i>
1924	PIETRO CASU	<i>Tra due crepuscoli</i>
	PIETRO CASU	<i>Mal germe</i>
	GRAZIA DELEDDA	<i>La danza della collana</i>
	FILIBERTO FARCI	<i>Edera sui ruderi</i>
1925	FILIPPO ADDIS	<i>Giagu Iscriccia</i>
	PIETRO CASU	<i>La voragine</i>
	FRANCESCO CUCCA	<i>Galoppate nell'Islam</i>
	GRAZIA DELEDDA	<i>La fuga in Egitto</i>
1926	GRAZIA DELEDDA	<i>Il sigillo d'amore</i>
	LINO MASALA LOBINA	<i>La mola</i>
1927	GIOVANNI CAU	<i>La fonte di Narciso</i>
	GRAZIA DELEDDA	<i>Annalena Bilsini</i>
1928	GRAZIA DELEDDA	<i>Il vecchio e i fanciulli</i>
1929	FILIPPO ADDIS	<i>Il fior del melograno</i>

	PIETRO CASU	<i>Santa vendetta</i>
	LINO MASALA LOBINA	<i>I capitomboli di Gabriele Deriu</i>
1930	GRAZIA DELEDDA	<i>La casa del poeta</i>
	GRAZIA DELEDDA	<i>Il dono di Natale</i>
1931	GRAZIA DELEDDA	<i>Il paese del vento</i>
1932	FILIPPO ADDIS	<i>Le bestie dei miei amici: i bipedi</i>
	SALVATORE CAMBOSU	<i>Lo zufolo</i>
	GRAZIA DELEDDA	<i>La vigna sul mare</i>
	LINO MASALA LOBINA	<i>Uno nella folla</i>
1933	GRAZIA DELEDDA	<i>Sole d'estate</i>
1934	FILIPPO ADDIS	<i>Le bestie dei miei amici: i quadrupedi</i>
	GRAZIA DELEDDA	<i>L'argine</i>
	GIOVANNI ANTONIO MURA	<i>La tanca fiorita</i>
1935	FILIBERTO FARCI	<i>Sorighittu</i>
1936	FILIPPO ADDIS	<i>Il moro</i>
	GRAZIA DELEDDA	<i>La chiesa della solitudine</i>
	GRAZIA DELEDDA	<i>Cosima, quasi Grazia</i>
1937	GRAZIA DELEDDA	<i>Cosima</i>
1938	PIETRO CASU	<i>Cuore veggente (postuma)</i>
	EMILIO LUSSU	<i>Un anno sull'altipiano</i>
1939	FILIPPO ADDIS	<i>Vecchia Sardegna</i>
	GRAZIA DELEDDA	<i>Il cedro del Libano</i>
	MARIA DELOGU	<i>Cor meum</i>
	GIUSEPPE DESSÌ	<i>San Silvano</i>
	GIUSEPPE DESSÌ	<i>La sposa in città</i>
	FILIBERTO FARCI	<i>Racconti di Sardegna</i>
	FILIBERTO FARCI	<i>L'ultima tappa</i>
1942	GIUSEPPE DESSÌ	<i>Michele Boschino</i>
1945	GIUSEPPE DESSÌ	<i>Racconti vecchi e nuovi</i>
	FRANCESCO FANCELLO	<i>Il diavolo fra i pastori</i>
1948	SALVATORE SATTA	<i>De profundis</i>
1949	MARIA DELOGU	<i>Gli operai della fabbrica</i>
	GIUSEPPE DESSÌ	<i>Storia del principe Lui</i>
	FRANCESCO FANCELLO	<i>Il salto delle pecore matte</i>
1953	MARIA DELOGU	<i>Albana Gregori</i>
	PARIDE ROMBI	<i>Perdu</i>
	FRANCESCO ZEDDA	<i>C'è un'isola antica</i>
1954	SALVATORE CAMBOSU	<i>Miele amaro</i>
1955	GIUSEPPE DESSÌ	<i>I passerì</i>
1956	FRANCO SOLINAS	<i>Squarciò</i>
1957	SALVATORE CAMBOSU	<i>Una stagione a Orolai</i>
	GIUSEPPE DESSÌ	<i>Isola dell'Angelo</i>
	GIUSEPPE DESSÌ	<i>La ballerina di carta</i>
	MARIA GIACOBBE	<i>Diario di una maestrina</i>

1959	GIUSEPPE DESSI	<i>Introduzione alla vita di Giacomo Scarbo</i>
	GIUSEPPE DESSI	<i>Racconti drammatici</i>
1960	GIUSEPPE FIORI	<i>Sonetàula</i>
1961	GIUSEPPE DESSI	<i>Il disertore</i>
	MARIA GIACOBBE	<i>Piccole cronache</i>
1962	FRANCESCO MASALA	<i>Quelli dalle labbra bianche</i>
	MARIANGELA SATTÀ	<i>Il grano e il loglio</i>
	FRANCESCO ZEDDA	<i>Ascanio</i>
	GIUSEPPE ZURI - SALVATORE MANNUZZU	<i>Un Dodge a fari spenti</i>
1964	GIUSEPPE DESSI	<i>Eleonora d'Arborea</i>
1965	ANTONIO GRAMSCI	<i>Lettere dal carcere</i>
1966	GIUSEPPE DESSI	<i>Lei era l'acqua</i>
	MARIANGELA SATTÀ	<i>Il ventilabro</i>
1967	ANTONIO COSSU	<i>I figli di Pietro Paolo</i>
1968	MICHELE COLUMBU	<i>L'aurora è lontana</i>
	EMILIO LUSSU	<i>Il cinghiale del diavolo</i>
	ANTONIO PUDDU	<i>Zio Mundeddu</i>
	BACHISIO ZIZI	<i>Marco e il banditismo</i>
1969	ANTONIO COSSU	<i>Il riscatto</i>
	PARIDE ROMBI	<i>Il raccolto</i>
1971	FRANCESCO ZEDDA	<i>Maracanda</i>
1972	GIUSEPPE DESSI	<i>Paese d'ombre</i>
	BACHISIO ZIZI	<i>Il filo della pietra</i>
1974	LINA CHERCHI TIDORE	<i>Colloqui e dialoghi</i>
	BACHISIO ZIZI	<i>Greggi d'ira</i>
1975	GAVINO LEDDA	<i>Padre padrone</i>
1976	LINA CHERCHI TIDORE	<i>Natale a Orgosolo</i>
1977	LINA CHERCHI TIDORE	<i>Capo d'orso</i>
	MARIA GIACOBBE	<i>Le radici</i>
	GAVINO LEDDA	<i>Lingua di falce</i>
	SALVATORE SATTÀ	<i>Il giorno del giudizio (postumo)</i>
1978	GIULIO ANGIONI	<i>A fuoco dentro A fogu aintru</i>
	GIUSEPPE DESSI	<i>La scelta (postumo)</i>
1981	ANGELO CARTA	<i>Anzelinu</i>
	GIANFRANCO PINTORE	<i>Sardigna ruja</i>
	SALVATORE SATTÀ	<i>La veranda (postumo)</i>
	BACHISIO ZIZI	<i>Il ponte di Marreri</i>
1982	LARENTU PUSCEDDU	<i>S'arvore de sos Tzinesos</i>
1983	GIULIO ANGIONI	<i>Sardonica</i>
	MICHELANGELO PIRA	<i>Sos sinnos</i>
	ANTONIO PUDDU	<i>La colpa di vivere</i>
1984	SERGIO ATZENI	<i>Araj dimoniu</i>
	SALVATORE CAMBOSU	<i>Racconti</i>
	ANTONIO COSSU	<i>Mannigos de memoria</i>

	FRANCESCO ZEDDA	<i>Rapsodia sarda</i>
	BACHISIO ZIZI	<i>Erthole</i>
1985	MIMMO BUA	<i>Gente di Ischiria</i>
	ANTONIO COSSU	<i>A tempos de Lussurzu</i>
	GIANFRANCO PINTORE	<i>Manzela</i>
1986	SERGIO ATZENI	<i>Apologo del giudice bandito</i>
	FRANCESCO MASALA	<i>Il dio petrolio</i>
	NATALINO PIRAS	<i>Il tradimento del mago</i>
	MARIO PUDDU	<i>Alivertu</i>
1987	BENVENUTO LOBINA	<i>Po cantu Biddanoa</i>
	FRANCESCO ZEDDA	<i>Sinfonia aurea</i>
	BACHISIO ZIZI	<i>Santi di creta</i>
1988	GIULIO ANGIONI	<i>L'oro di Fraus</i>
	GIULIO ANGIONI	<i>La visita</i>
	SALVATORE MANNUZZU	<i>Procedura</i>
	BACHISIO ZIZI	<i>Mas complicado</i>
1989	GIUSEPPE DESSÌ	<i>Come un tiepido vento (postumo)</i>
	SALVATORE MANNUZZU	<i>Un morso di formica</i>
	FRANCESCO MASALA	<i>S'Istoria</i>
	GIANFRANCO PINTORE	<i>Su zogù</i>
1990	GIULIO ANGIONI	<i>Il sale sulla ferita</i>
1991	SERGIO ATZENI	<i>Il figlio di Bakunìn</i>
	LARENTU PUSCEDDU	<i>Mastru Taras</i>
	SALVATORE SECHI	<i>Fuga nella memoria</i>
1992	GIULIO ANGIONI	<i>Una ignota compagnia</i>
	MICHELE COLUMBU	<i>Senza un perché</i>
	MARCELLO FOIS	<i>Ferro recente</i>
	MARCELLO FOIS	<i>Picta</i>
	SALVATORE MANNUZZU	<i>La figlia perduta</i>
	GIOVANNI PIGA	<i>Sas andalas de su tempus</i>
1993	GIULIO ANGIONI	<i>Lune di stagno</i>
	ANTONIO COSSU	<i>Il vento e altri racconti</i>
	MARCELLO FOIS	<i>Meglio morti</i>
	MARCELLO FOIS	<i>Falso gotico nuorese</i>
	IGNAZIO LECCA	<i>L'arca di Noè</i>
	GIAN CARLO TUSCERI	<i>Sette schegge di luna</i>
	GIAN CARLO TUSCERI	<i>Per Dio e per il re</i>
1994	GIULIO ANGIONI	<i>La visita</i>
	SALVATORE MANNUZZU	<i>Le ceneri del Montiferro</i>
	NATALINO PIRAS	<i>La piana di Chentomìnes</i>
	GIAN CARLO TUSCERI	<i>Di stenciu a manu mancina</i>
	GIAN CARLO TUSCERI	<i>L'isuli du sprafundu</i>
	BACHISIO ZIZI	<i>Il cammino spezzato</i>
1995	SERGIO ATZENI	<i>Il quinto passo è l'addio</i>

	IGNAZIO LECCA	<i>Le intime pietre - un racconto industriale</i>
	NATALINO PIRAS	<i>La Mamma del sole</i>
	SALVATOR RUJU	<i>La casa del corso</i>
1996	SERGIO ATZENI	<i>Passavamo sulla terra leggeri</i>
	SERGIO ATZENI	<i>Bellas mariposas</i>
	FRANCESCO CUCCA	<i>Muni rosa del Suf</i>
	MICHELANGELO PIRA	<i>Isalle</i>
	ANTONIO PUDDU	<i>La valle dei colombi</i>
1997	MARCELLO FOIS	<i>Sheol</i>
	MARCELLO FOIS	<i>Nulla</i>
	MARIA GIACOBBE	<i>Il mare</i>
	IGNAZIO LECCA	<i>Sentieri di città</i>
	SALVATORE NIFFOI	<i>Colodoro</i>
	SALVATORE SATTA	<i>La stazione dei sogni</i>
	GIUSEPPE TIROTTO	<i>Lu bastimentu di li sogni di sciumma</i>
	BACHISIO ZIZI	<i>Cantore in malas</i>
1998	SERGIO ATZENI	<i>Si...otto!</i>
	FILIPPO CANU	<i>Funerale di stato</i>
	MARCELLO FOIS	<i>Sempre caro</i>
	IGNAZIO LECCA	<i>Tornare a Giarranas</i>
	PAOLO MACCIONI	<i>Insonnie newyorkesi</i>
	RUGGERO ROGGIO	<i>Stirare sinché posso</i>
1999	SERGIO ATZENI	<i>Raccontar fole</i>
	MIMMO BUA	<i>Contos torrados dae attesu</i>
	ALBERTO CAPITTA	<i>Il cielo nevica</i>
	LUCIANA FLORIS	<i>Isole di terra, di pietra, d'aria</i>
	MARCELLO FOIS	<i>Gap</i>
	MARCELLO FOIS	<i>Sangue dal cielo</i>
	MARIA GIACOBBE	<i>Maschere e angeli nudi</i>
	IGNAZIO LECCA	<i>Sciuliai umbras</i>
	NICOLA LECCA	<i>Concerti senza orchestra</i>
	BRUNO MUNTONI	<i>Sotto il segno di Lyra</i>
	SALVATORE NIFFOI	<i>Il viaggio degli inganni</i>
	MARIA PES	<i>L'occhio della luna</i>
	BEPI VIGNA	<i>La pietra antica</i>
	BACHISIO ZIZI	<i>Lettere da Orune</i>
2000	MILENA AGUS	<i>Elettroni liberi</i>
	GIULIO ANGIONI	<i>Il gioco del mondo</i>
	GIOVANNI CARA	<i>L'angelo armato</i>
	NICOLA LECCA	<i>Ritratto notturno</i>
	BENVENUTO LOBINA	<i>Racconti</i>
	SALVATORE MANNUZZU	<i>Il catalogo</i>
	GIUSEPPE MARCI	<i>Vita, pensieri e opere di Giuseppe Torres</i>
	LUCIANO MARROCU	<i>Fàulas</i>

	SALVATORE NIFFOI	<i>Il postino di Piracherfa</i>
	GIANFRANCO PINTORE	<i>La caccia</i>
	GRAZIA MARIA PODDIGHE	<i>Il paese dell'uva</i>
	RAFFAELE PUDDU	<i>Pueblo</i>
	FLAVIO SORIGA	<i>Diavoli di Nuraiò</i>
2001	GIULIO ANGIONI	<i>Millant'anni</i>
	CRISTIANO BANDINI	<i>Mezza stagione</i>
	PASQUETTA BASCIU	<i>Omar</i>
	FRANCESCO CARLINI	<i>S'omini chi bendiat su tempus</i>
	FRANCESCO CARLINI	<i>Basilisa</i>
	ELIANO CAU	<i>Dove vanno le nuvole</i>
	GIULIA CLARKSON	<i>Le stagioni di Flora</i>
	MARINA DANESE	<i>Corte Soliana</i>
	MARCELLO FOIS	<i>Dura madre</i>
	MARIA GIACOBBE	<i>Arcipelaghi</i>
	PAOLO MANINCHEDDA	<i>Non toccate la gramigna</i>
	SALVATORE MANNUZZU	<i>Alice</i>
	MARIELLA MARRAS	<i>La corsa alla stella</i>
	FRANCESCO MASALA	<i>Il parroco di Arasolè</i>
	SALVATORE NIFFOI	<i>Cristolu</i>
	LUIGI PINTOR	<i>Il nespolo</i>
	NATALINO PIRAS	<i>Il sogno e il sonno</i>
	ANTONIO PUDDU	<i>Dopo l'estate</i>
	LARENTU PUSCEDDU	<i>Su belu de sa bonaùra</i>
	ALDO TANCHIS	<i>Pesi leggeri</i>
	GIUSEPPE TIROTTO	<i>L'ombra di lu soli</i>
	GIORGIO TODDE	<i>Lo stato delle anime</i>
	GIAMPAOLO CASSITTA	<i>Asinara. Il rumore del silenzio</i>
	BACHISIO ZIZI	<i>Da riva a riva</i>
2002	GIULIO ANGIONI	<i>La casa della palma</i>
	SERGIO ATZENI	<i>Racconti con colonna sonora</i>
	PIETRO CLEMENTE	<i>Triglie di scoglio</i>
	ANTONIO COSSU	<i>Il sogno svanito</i>
	MARCELLO FOIS	<i>L'altro mondo</i>
	MARCELLO FOIS	<i>Materiali</i>
	MARCELLO FOIS	<i>Piccole storie nere</i>
	LUCIANO MARROCU	<i>Debrà libanòs</i>
	GIANFRANCO PINTORE	<i>Nurài</i>
	SALVATORE SATTA	<i>Abbalughente</i>
	FLAVIO SORIGA	<i>Neropioggia</i>
	GIUSEPPE TIROTTO	<i>Cumentu òru di néuli</i>
	GIORGIO TODDE	<i>La matta bestialità</i>
2003	FRANCESCO ABATE	<i>Il cattivo cronista</i>
	PAOLA ALCIONI	<i>La stirpe dei re perduti</i>

	GIULIO ANGIONI	<i>Il mare intorno</i>
	SERGIO ATZENI	<i>Gli anni della grande peste</i>
	RINA BRUNDU	<i>Tana di volpe</i>
	GIULIA CLARKSON	<i>La città d'acqua</i>
	NANNI FALCONI	<i>Su cuadorzu</i>
	MARIA GIACOBBE	<i>Scenari d'esilio</i>
	NICOLA LECCA	<i>Ho visto tutto</i>
	PAOLO MACCIONI	<i>L'ufficio del pietrisco</i>
	BASTIANA MADAU	<i>Nàscar</i>
	GIUSEPPE MARCI	<i>Bingia</i>
	GIANFRANCO MURTAS	<i>Lo specchio del vescovo. Il caso di Villamaura</i>
	MARIA PES	<i>Ricordi di Cagliari e altri racconti</i>
	GIORGIO TODDE	<i>Paura e carne</i>
2004	FRANCESCO ABATE	<i>Ultima di campionato</i>
	PAOLA ALCIONI - ANTONI MARIA PALA	<i>Addia</i>
	GIULIO ANGIONI	<i>Assandira</i>
	PASQUETTA BASCIU	<i>La danza delle cavigliere</i>
	ALBERTO CAPITTA	<i>Creaturine</i>
	ELIANO CAU	<i>Adelasia del Sinis</i>
	LINA CHERCHI TIDORE	<i>Ill'anni di la gherra</i>
	ROSSANA COPEZ	<i>Si chiama Violante</i>
	PAOLO MACCIONI	<i>Doppio gioco</i>
	SALVATORE MANNUZZU	<i>Il terzo suono</i>
	SALVATORE MANNUZZU	<i>Le fate dell'inverno</i>
	GIUSEPPE MARCI	<i>Il tesoro di Todde</i>
	GIANNI MARILOTTI	<i>La quattordicesima commensale</i>
	LUCIANO MARROCU	<i>Scarpe rosse, tacchi a spillo</i>
	GIAN PAOLO MELE CORRIGA	<i>Lo scialle</i>
	SALVATORE NIFFOI	<i>La sesta ora</i>
	ALBINO PAU	<i>Sas gamas de Istelai</i>
	GIUSEPPE PILI	<i>Il ventre della sposa bambina</i>
	SALVATORE PINNA	<i>La vera storia di Gigaggioga Gungù</i>
	LUIGI PINTOR	<i>Servabo</i>
	BRUNO ROMBI	<i>Una donna di carbone</i>
	MARIANGELA SEDDA	<i>Oltremare</i>
	GIUSEPPE TIROTTO	<i>Agra terra</i>
	GIUSEPPE TIROTTO	<i>La rena dopo la risacca</i>
	GIORGIO TODDE	<i>Ei</i>
	GIORGIO TODDE	<i>L'occhiata letale</i>
2005	MILENA AGUS	<i>Mentre dorme il pesceccane</i>
	GIULIO ANGIONI	<i>Alba dei giorni bui</i>
	ROSSANA CARCASSI	<i>L'orafo</i>
	ANNA CASTELLINO	<i>In su celu siat</i>

	PAOLO CHERCHI	<i>Erostrati e astripeti</i>
	LINA CHERCHI TIDORE	<i>Amore, amore</i>
	ROBERTO CONCU	<i>Verità per verità</i>
	MARIANGELA DUI	<i>Meledda</i>
	NANNI FALCONI	<i>Sa gianna tancada</i>
	ANNALISA FERRUZZI	<i>L'uomo in fallo</i>
	MARIO FILIA	<i>Luna mala</i>
	LUCIANA FLORIS	<i>Doppia radice</i>
	MARIA GIACOBBE	<i>Pòju Luàdu</i>
	IGNAZIO LECCA	<i>Quirino Irde stratega</i>
	ANGELO LEDDA	<i>Ex prete</i>
	ARMANDO MACCIOCUCU	<i>Terra Rossa: un racconto dal Nordeste Brasiliano</i>
	SANDRO MASCIA	<i>Café Marina</i>
	GIAN PAOLO MELE CORRIGA	<i>Gli impareggiabili figli di Nur</i>
	MARIO MEREU	<i>Aremigus</i>
	MARCO MURENU	<i>Nel terzo piano</i>
	SALVATORE NIFFOI	<i>La leggenda di Redenta Tiria</i>
	NINO NONNIS	<i>Hanno ucciso il bar ragno</i>
	MARIO ORRU	<i>Il mandorlo fiorisce sempre</i>
	ENRICO PILI	<i>La quinta S</i>
	ANNA PAOLA PISCHEDDA OGGIANO – ANTONELLA RITA PISCHEDDA OGGIANO	<i>Chicchi di grano. Storie d'amore e d'amicizia nella Tempio di fine Ottocento</i>
	GRAZIA MARIA PODDIGHE	<i>La regina degli Shardana</i>
	MARIA FRANCESCA PUDDU	<i>Una domenica straordinaria</i>
	MARIANGELA SEDDA	<i>Sotto la statua del re</i>
	ALDO TANCHIS	<i>L'anno senza estate</i>
	GIORGIO TODDE	<i>E quale amor non cambia</i>
2006	FRANCESCO ABATE	<i>Getsemani</i>
	MILENA AGUS	<i>Mal di pietre</i>
	GIULIO ANGIONI	<i>Le fiamme di Toledo</i>
	DANIELA BIONDA	<i>Orgianas</i>
	LINA BRUNDU	<i>Riverberi e testimonianze</i>
	ANNA CASTELLINO	<i>Mischineddus</i>
	EMANUELE CIOGLIA	<i>Il mozzateste</i>
	MICHELE CONGIAS	<i>La montagna della luce</i>
	AUGUSTO CUCCUI	<i>Dea madre</i>
	FRANCESCO ANGELO DEMONTIS	<i>L'ultimo desiderio del giudice</i>
	LINA DETTORI	<i>La famiglia immaginaria</i>
	VASCO DOVERI	<i>Banditi</i>
	GIANLUCA FLORIS	<i>Il lato destro</i>
	MARCELLO FOIS	<i>Memoria del vuoto</i>
	NICOLA LECCA	<i>Hotel Borg</i>
	ARMANDO MACCIOCUCU	<i>Il diavolo al castello</i>

	GIACOMO MAMELI	<i>La ghianda è una ciliegia</i>
	NICOLÒ MANCA	<i>Sa enna 'e s'anima</i>
	SANDRO MASCIA	<i>Nicoletta</i>
	RITA MASTINU	<i>La mia terra visionaria</i>
	GIANLUCA MEDAS	<i>Le avventure di Flamingo</i>
	VITTORIO MELIS	<i>Sardo, luce degli dei</i>
	FRANCO MELIS	<i>Bonaria</i>
	SALVATORE NIFFOI	<i>La vedova scalza</i>
	ANTONELLO PELLEGRINO	<i>Bronzo</i>
	ENRICO PILI	<i>Incroci a raso</i>
	PAOLO PILLONCA	<i>Antonandria</i>
	GIANNI PILUDU	<i>"...A quel punto volai via"</i>
	NATALINO PIRAS	<i>Sepultas</i>
	ANDREA PUBUSA	<i>Gioco pericoloso</i>
	GIUSEPPE PUSCEDDU	<i>Fratello bandito</i>
	NELLO RUBATTU	<i>Hanno morto a Vinnèpaitutti</i>
	ALDO SALIS	<i>Il padre di Chiara</i>
	GIORGIO SECCI	<i>La carretta</i>
	RINO SOLINAS	<i>Il pastore di capre</i>
	GIUSEPPE TIROTTO	<i>Il bastimento dei sogni di spuma</i>
	FULVIO TOCCO	<i>Correva come un cavallo</i>
	GIAN CARLO TUSCERI	<i>Parlavo col vento</i>
	BEPI VIGNA	<i>Niccolai in mondovisione</i>
2007	FRANCESCO ABATE	<i>I ragazzi di città</i>
	MILENA AGUS	<i>Perché scrivere</i>
	PAOLA ALCIONI	<i>Mordipiedi il tenebroso</i>
	GIULIO ANGIONI	<i>La pelle intera</i>
	MARIANO BACHIS	<i>Anime trafitte</i>
	GINO CAMBONI	<i>Il Continentale</i>
	MARIO CORDA	<i>La piazzetta</i>
	ALESSANDRO DE ROMA	<i>Vita e morte di Ludovico Lauter</i>
	LINA DETTORI	<i>Baffi di cacao</i>
	GIOVANNI ENNA	<i>1409. Fuga sulla Giara</i>
	MARIO FILIA	<i>L'ultimo canto del colle</i>
	MARCELLO FOIS	<i>Gente del libro</i>
	NICOLA LECCA - LAURA PARIANI	<i>Ghiacciofuoco</i>
	ADELE LORIGA CAMOGLIO	<i>La porta interna del mare</i>
	ANNALENA MANCA	<i>L'accademia degli scrittori muti</i>
	ANTONIO DIEGO MANCA	<i>La donna delle sette fonti</i>
	SALVATORE MANNUZZU	<i>Giobbe</i>
	SANDRO MASCIA	<i>L'Alfa e l'Omega</i>
	MICHELA MURGIA	<i>Il mondo deve sapere</i>
	MARCELLO MURRU	<i>Bhutan</i>
	SALVATORE NIFFOI	<i>L'ultimo inverno</i>

	SALVATORE NIFFOI	<i>Ritorno a Baraule</i>
	ENRICO PILI	<i>Hinterland Sei</i>
	GIANFRANCO PINTORE	<i>Morte de unu Presidente</i>
	ALBERTO SECCI	<i>Dulcòe</i>
	AUGUSTO SECCHI	<i>Rituali scolastici</i>
	GIUSEPPE TIROTTA	<i>Lu basgiu di la luna matrona</i>
	GIORGIO TODDE	<i>Al caffè del silenzio</i>
	GIORGIO TODDE	<i>L'estremo delle cose</i>
	ANTONIO TURNU	<i>Ibrida perpetua</i>
	MARCO VARGIU	<i>Penne in agrodolce</i>
2008	FRANCESCO ABATE	<i>Così si dice</i>
	MILENA AGUS	<i>Ali di babbo</i>
	MILENA AGUS	<i>Il vicino</i>
	GIULIO ANGIONI	<i>Afa</i>
	ALBERTO CAPITTA	<i>Il giardino non esiste</i>
	MASSIMO CARLOTTO - FRANCESCO ABATE	<i>L' albero dei microchip</i>
	MASSIMO CARLOTTO - FRANCESCO ABATE	<i>Mi fido di te</i>
	ALESSANDRO DE ROMA	<i>La fine dei giorni</i>
	SAVINA DOLORES MASSA	<i>Undici</i>
	ALESSANDRA MURGIA	<i>Mattia Saba</i>
	SALVATORE NIFFOI	<i>Il pane di Abele</i>
	NINO NONNIS	<i>Una donna tutta d'un pezzo</i>
	OTTAVIO OLITA	<i>La borsa del colonnello</i>
	SIMONE SANNA	<i>Come Bocca di Rosa</i>
	FLAVIO SORIGA	<i>Sardinia blues</i>
	ALDO TANCHIS	<i>Una luce passeggera</i>
	BRUNO TOGNOLINI	<i>Ciò che non lava l'acqua</i>
2009	FRANCESCO ABATE	<i>L'uomo di mezzo</i>
	FRANCESCO ABATE	<i>Matrimonio e piacere</i>
	MILENA AGUS	<i>La contessa di ricotta</i>
	MARIO FILIA	<i>Ne parlerò con Elias</i>
	BACHISIO FLORIS	<i>Nùoro forever</i>
	MARCELLO FOIS	<i>Stirpe</i>
	PIA GIGANTI	<i>Canto di donne</i>
	NICOLA LECCA	<i>Il corpo odiato</i>
	ELIAS MANDREU	<i>Nero riflesso</i>
	FRANCO MELIS	<i>Quei giorni a Fonsarda</i>
	MICHELA MURGIA	<i>Accabadora</i>
	OTTAVIO OLITA	<i>Il futuro sospeso</i>
	GIANFRANCO PINTORE	<i>La stele di Osana</i>
	GIUSEPPE PUTZOLU	<i>Il viandante</i>
	STEFANIA SABA	<i>Su calarighe</i>

	MARIANGELA SEDDA	<i>Vincendo l'ombra</i>
	CLARA SPADA	<i>La chiave del Vaticano</i>
	DANIELA SPIGA	<i>Ai bordi della vita</i>
	GIORGIO TODDE	<i>Dieci gocce</i>
2010	FRANCESCO ABATE - SAVERIO MASTROFRANCO	<i>Chiedo scusa</i>
	GIULIO ANGIONI	<i>Doppio cielo</i>
	GIANCARLO BIFFI	<i>Rosmarino e il frigorifero che parla</i>
	MICHELA CAPONE	<i>Quando impari a allacciarti le scarpe</i>
	GIOVANNI CARA	<i>Viaggio per un altro viaggio</i>
	BARBARA CIDDA	<i>Abba ia</i>
	MARIO CIUSA	<i>Il ladro di momenti</i>
	CLAUDIO COLLU	<i>Siderale</i>
	TORE CUBEDDU	<i>Cisus</i>
	ALESSANDRO DE ROMA	<i>Il primo passo nel bosco</i>
	LINA DETTORI	<i>Il sentimento prevalente</i>
	FILIBERTO FARCI	<i>Gioele Flores e altri racconti</i>
	FABRIZIO FENU	<i>Flavia e il minatore</i>
	ANNALISA FERRUZZI	<i>Le tre scimmiette</i>
	BRUNO FURCAS - SALVATORE BANDINU	<i>Boati di solitudine</i>
	FRANCA ELISABETTA IANNUCCI	<i>Gli anni della foca monaca</i>
	LICIA LISEI - PIERO MARCIALIS	<i>La casa dello strego</i>
	PAOLO MACCIONI	<i>Buenos Aires troppo tardi</i>
	MARIA MANCA PULINO	<i>La cantina dei segreti</i>
	LUIGI MANCONI - MARCO LOMBARDO RADICE	<i>Lavoro ai fianchi</i>
	ELIAS MANDREU	<i>Dopotutto</i>
	MARIELLA MARRAS	<i>Il mondo con gli occhiali</i>
	SAVINA DOLORES MASSA	<i>Mia figlia follia</i>
	PIETRO MAURANDI	<i>Hombres y dinero</i>
	RAFAEL MEDINA	<i>Sigvard</i>
	ROBERTO MURA	<i>Mesina e il killer romantico</i>
	ALESSANDRA MURGIA	<i>La zavorra</i>
	SALVATORE NIFFOI	<i>Il bastone dei miracoli</i>
	DAVIDE PADERI	<i>Belize City</i>
	ANTONELLO PELLEGRINO	<i>Dalla scura terra</i>
	ENRICO PILI	<i>7171 L'attesa del giudizio</i>
	GIUSEPPE PILI	<i>Nel seme del padre</i>
	AUGUSTO SECCHI	<i>Vicolo rosso</i>
	FLAVIO SORIGA	<i>Il cuore dei briganti</i>
	ALESSANDRA STARA	<i>Chocolate's perfume</i>
	GIORGIO TODDE	<i>Ero quel che sei</i>
	ANNA TOLU POUGET	<i>Gli anni della speranza</i>
2011	RENATA ASQUER	<i>Dal primo alla zeta</i>

BACHISIO BANDINU	<i>L'amore del figlio meraviglioso</i>
GIAMPAOLO CASSITTA	<i>Il piano zero</i>
ROSSANA COPEZ - GIOVANNI FOLLESA	<i>Terra mala</i>
MARIO CORDA	<i>Le casseruole rubate</i>
BACHISIO FLORIS	<i>Tre ore</i>
DANIELA FRIGAU	<i>Se fossi conchiglia ti amerei per sempre</i>
BRUNO FURCAS	<i>Un mondo a parte</i>
MARIA GIACOBBE	<i>Euridice</i>
MARIA ANTONIETTA MACCIOCUC - DONATELLA MORESCHI PETALIE	<i>Romanzo popolare sardo-piemontese</i>
GIOVANNI MASCIA	<i>Tzacca stradoni!</i>
NICOLO' MIGHELI	<i>Hidalgos</i>
ANTONELLO MONNI	<i>Il bambino dalla milza di legno</i>
MICHELA MURGIA	<i>Ave Mary</i>
NINO NONNIS	<i>La vita altrove</i>
MARIA GABRIELLA OLIANAS	<i>Per dare voce all'oblio</i>
ANTONELLO PELLEGRINO	<i>Bronzo</i>
ALESSANDRO PILLONI	<i>Antabuse</i>
BRUNO ROMBI	<i>Il labirinto del G8</i>
FABIO SANNA	<i>Cacciabuffi</i>
PRIAMO MARIO SANNA	<i>Appuntamento a Malga Lora</i>
EZIO SECCI	<i>L'incidente</i>
MARIANGELA SEDDA	<i>Nel vuoto arioso del mondo</i>
ANGELA SERRA	<i>La ragazza dietro la porta</i>
FLAVIO SORIGA	<i>Nuraghe Beach</i>
CLARA SPADA	<i>Un leone nel cuore</i>
GIORGIO TODDE	<i>Le indagini dell'imbalsamatore (Efisio Marini)</i>
MARIA TERESA USAI	<i>La pazza e il megalomane</i>

Giuseppe Marci, professore ordinario, insegna Filologia Italiana nella Facoltà di Lingue e Letterature straniere dell'Università di Cagliari e Letteratura sarda nella Facoltà di Lettere e Filosofia dell'Università di Cagliari. Ha insegnato nell'Università di Sassari.

È direttore del Centro di Studi Filologici Sardi e, in tale veste, segue la pubblicazione della collana "Scrittori sardi".

Svolge attività pubblicistica operando nel campo del giornalismo letterario. Ha fondato e diretto "NAE", trimestrale di cultura (2002-2008).

Ha studiato le modalità secondo le quali la letteratura italiana si è articolata, nei diversi momenti del tempo e nelle differenti aree geografiche, e ha dedicato specifica attenzione ai casi rappresentati dalla Sardegna e dalla Sicilia.

Si è occupato di opere autobiografiche settecentesche (Giacomo Casanova) e di narrativa novecentesca (Beppe Fenoglio, Sergio Atzeni).

Ha curato l'edizione delle opere di autori didascalici del Settecento (Domenico Simon, Giuseppe Cossu, Antonio Purqueddu, Andrea Manca dell'Arca, Pietro Leo); di scrittori (Enrico Costa) e di autobiografi dell'Ottocento (Vincenzo Sulis); di scrittori (Salvatore Satta) e di autobiografi (Umberto Cardia) del Novecento.

Ha scritto un volume intitolato *In presenza di tutte le lingue del mondo. Letteratura sarda* nel quale, osservando il caso specifico della letteratura sarda dall'antichità ai giorni nostri, riflette sul tema del canone e sulla relazione fra autori *maggiori* e *minori*, fra le *grandi* tradizioni letterarie e le produzioni elaborate in aree marginali e periferiche.

Giuseppe Marci, professor ordinário, ensina Filologia Italiana na Faculdade de Línguas e Literaturas estrangeiras da Universidade de Cagliari e Literatura sarda na Faculdade de Letras e filosofia da universidade de Cagliari. Ensinou na Universidade de Sassari.

É diretor do Centro de Estudos Filológicos Sardos e, como tal, dirige a publicação da coluna “Escritores sardos”.

Exerce atividade jornalística, operando no campo do jornalismo literário. Fundou e dirigiu “NAE”, um trimestral de cultura (2002-2008).

Estudou as modalidades segundo as quais a literatura italiana se articulou nos diversos momentos do tempo e nas diferentes áreas geográficas, e dedicou específica atenção aos casos representados pela Sardenha e pela Sicília.

Ocupou-se de obras autobiográficas do *Settecento* (Giacomo Casanova) e de narrativa do *Novecento* (Beppe Fenoglio, Sergio Atzeni).

Coordenou a edição das obras de autores menos conhecidos do *Settecento* (Domenico Simon, Giuseppe Cossu, Antonio Purqueddu, Andrea Manca dell’Arca, Pietro Leo); de escritores (Enrico Costa) e de autobiógrafos do *Ottocento* (Vincenzo Sulis); de escritores (Salvatore Satta) e de autobiógrafos (Umberto Cardia) do *Novecento*.

Escreveu um volume intitulado *Na presença de todas as línguas do mundo. Literatura sarda*, no qual, observando o caso específico da literatura sarda da antiguidade aos nossos dias, reflete sobre o tema do cânone e sobre a relação entre autores *maiores* e *menores*, entre as *grandes* tradições literárias e as produções elaboradas em áreas marginais e periféricas.



Euro 4,00

ISBN 978-88-8467-684-9

